

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) ALEX RIBEIRO DO NASCIMENTO

CONTRAINSURGÊNCIA:

Análise da metodologia *Village Stability Operations* contra a insurgência Talibã no Afeganistão

Rio de Janeiro

2016

CC(FN) ALEX RIBEIRO DO NASCIMENTO

CONTRAINSURGÊNCIA:

Análise da metodologia *Village Stability Operations* contra a insurgência Talibã no Afeganistão

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pela saúde para levantar todos os dias tentando ser uma pessoa e um profissional melhor.

Da mesma forma agradeço pela compreensão do meu filho Matheus, que em suas visitas ao escritório sempre contava as páginas digitadas e ficava preocupado com quantas ainda teriam que ser digitadas. Filho, obrigado! Mesmo com apenas oito anos de idade você soube compreender que não há outro meio de conseguir alcançar seus objetivos a não ser pela dedicação. Espero que de alguma forma esse período tenha servido de bom exemplo para a formação do seu caráter.

A minha esposa Simone pela enorme paciência, pelo apoio e colaboração. Foram diversas conversas em que a palavra dissertação era o assunto principal, sem dúvida o seu amor e companheirismo me trouxeram a confiança e a serenidade necessárias para cumprir a missão que me propus.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pelos ensinamentos, orientações e, principalmente pelo incentivo. Tenha certeza que suas orientações contribuíram de maneira decisiva para o resultado deste trabalho.

Aos camaradas Operações Especiais da Marinha do Brasil, sejam do CFN ou da Armada, o seu comprometimento foi fonte de inspiração para o meu aprimoramento pessoal e profissional desde quando eu almejava ser um Comandos Anfíbios.

Por fim, mas não menos importante, agradeço àqueles que sempre torceram por mim e aos que que direta ou indiretamente contribuíram na confecção desta dissertação.

RESUMO

Dentre os diversos tipos de conflitos, a Guerra Irregular se apresenta como a forma mais comum de se combater. Grupos insurgentes, terroristas e facções armadas romperam o monopólio do uso da força de vários Estados. Ao longo de sua história, o território hoje ocupado pelo Afeganistão foi palco de diversos episódios desse tipo peculiar de guerra. O propósito deste trabalho é analisar se as *Village Stability Operations* (VSO), uma metodologia utilizada para o combate à insurgência Talibã no Afeganistão entre 2010 e 2013, teve aderência ao modelo teórico de contrainsurgência desenvolvido por David Galula na década de 60. O desenho de pesquisa adotado foi a comparação da teoria com a realidade. Por meio desse confronto, concluiu-se que a metodologia das VSO teve aderência ao modelo teórico de Galula, particularmente no que diz respeito às leis da ação contrainsurgente e sob o aspecto da variável população. A eficácia das VSO sobre a insurgência Talibã também foi avaliada, e, nesse caso específico, foi verificado que não se pode tecer conclusões absolutas, devido ao término prematuro de seu emprego naquele país. Finalmente, nossos estudos sugeriram a necessidade do desenvolvimento, particularmente para as tropas de Operações Especiais da Marinha do Brasil, de capacidades para o combate à contrainsurgência e para o contato direto e prolongado com a população.

Palavras-chave: Guerra Irregular. *Village Stability Operations* (VSO). Teoria. Guerra do Afeganistão. Apoio da População. David Galula.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANSF – *Afghan National Security Forces* – Forças Nacionais de Segurança do Afeganistão

ALP – *Afghan Local Police* – Polícia Local Afegã

CFN – Corpo de Fuzileiros Navais

CFSOCC-A – *Combined Forces Special Operations Component Command – Afghanistan* -
Componente Combinado de Forças Especiais Comando-Afeganistão

CGCFN – Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais

CIA – *Central Intelligence Agency* – Agência Central de Inteligência

CJSOTF-A – *Combined Joint Special Operations Task Force-Afghanistan* - Força Tarefa
Combinada de Operações Especiais do Afeganistão

COIN – *Counterinsurgency Operation* – Contrainsurgência

EUA – Estados Unidos da América

FM – *Field Manual* – Manual de Campanha

FOpEsp – Forças de Operações Especiais

IED – *Improvised Explosive Device* – Dispositivo Explosivo Improvisado

ISAF – *International Security Assistance Force* – Força Internacional de Assistência em
Segurança

MARSOC – *United States Marine Corps Special Operations Command* – Comando de
Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

MB – Marinha do Brasil

MISO – *Military Information Support Operations* - Operações de Apoio à Informação Militar

USSOF – *United States Special Operations Forces* - Forças de Operações Especiais dos EUA

VSO – *Village Stability Operations* – Operações de Estabilização de Vilas

VSP – *Villages Stability Platform* – Plataforma de Estabilização de Vilas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Divisão administrativa do Afeganistão.....	52
Figura 2 – Quadro esquemático da metodologia VSO.....	53
Figura 3 – Elementos das FOpEsp convivendo nas vilas.....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	A TEORIA DE DAVID GALULA SOBRE A AÇÃO CONTRAINSURGENTE	09
2.1	Alguns conceitos sobre guerra irregular.....	09
2.2	Histórico sobre David Galula.....	11
2.3	Leis da ação contrainsurgente.....	13
2.4	Conclusões parciais.....	16
3	O COMBATE ÀS INSURGÊNCIAS NO AFEGANISTÃO	17
3.1	Histórico das Guerras no Afeganistão.....	17
3.2	O surgimento da insurgência no Afeganistão.....	22
3.3	O emprego da metodologia das VSO contra o Talibã no Afeganistão.....	28
3.4	Conclusões parciais.....	40
4	A TEORIA DE GALULA X EMPREGO DAS VSO NO AFEGANISTÃO...	42
4.1	Análise dos estudos de Galula X idealização e emprego das VSO.....	42
4.2	Conclusões parciais.....	45
5	CONCLUSÃO.....	47
	REFERÊNCIAS.....	51
	ANEXO.....	52

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), a capacidade de destruição das Forças Armadas regulares foi ampliada devido ao surgimento das armas nucleares e mísseis. Ao mesmo tempo, conflitos irregulares com baixos níveis de violência, protagonizados por atores estatais e não estatais, vêm aumentando sua ocorrência. Grupos insurgentes, facções armadas e organizações terroristas romperam o monopólio do uso da força entre os Estados.

Desde as três Guerras Anglo-afegãs (1839-1842, 1878-1880 e 1919), passando pela guerra contra os soviéticos (1979-1989), e culminando com a recente guerra contra os países da coalizão (2001-2014), o Afeganistão foi palco de diversos conflitos de natureza irregular. A escolha deste conflito como caso prático a ser estudado foi devido a sua natureza irregular, ao prolongado tempo de conflito sem resultados eficazes e a dificuldade encontrada pelas forças da coalizão em derrotar um inimigo de natureza insurgente que atuava naquele país.

Após quase dez anos envolvidos neste conflito, em julho de 2010 as forças militares dos Estados Unidos da América (EUA) obtiveram a aprovação do presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, para implementar um novo programa para o combate à insurgência em seu país. O programa foi denominado *Village Stability Operations*¹ (VSO) e foi desenhado para aprimorar as condições de segurança, governabilidade e desenvolvimento a partir das vilas localizadas no interior. Para sua idealização, o programa contou com a ajuda de diversos acadêmicos civis e estudiosos militares, que por meio do estudo da população e de seu histórico de guerras, ajudaram a desenvolver o conceito das VSO.

Em 1964, David Galula (1919-1967) publicou relevantes estudos sobre a contrainsurgência, que foram resgatados e utilizados em 2006 pelas forças militares dos EUA para atualizar sua doutrina contra ameaças irregulares. Dessa forma, sobre a situação encontrada no Afeganistão, é pertinente elaborarmos a seguinte questão: o programa VSO

¹ Utilizaremos a sigla VSO durante o trabalho de pesquisa para não fugir da terminologia original do programa, que traduzido para o português seria algo como Operações de Estabilização de Vilas (Tradução nossa).

empregado no Afeganistão contra a insurgência Talibã, entre 2010 e 2013 teve aderência ao modelo teórico de David Galula considerando particularmente o apoio da população?

A fim de tentar responder à questão proposta, estudaremos a teoria de Galula e a confrontaremos com o programa VSO e sua consequente aplicação na Guerra do Afeganistão. Buscaremos, dessa forma, recorrendo à literatura disponível sobre a aplicação das VSO no Afeganistão, comparar o modelo teórico de Galula com a realidade encontrada, a fim de tecer conclusões acerca de sua validade, apesar de passados mais de 50 anos de sua elaboração.

Para atingir nosso propósito, organizaremos a pesquisa em três capítulos de desenvolvimento. No segundo capítulo, após a apresentação de alguns conceitos importantes, apresentaremos um breve histórico sobre David Galula e estudaremos seu modelo, mantendo o foco no contrainsurgente.

No terceiro capítulo, apresentaremos um histórico sobre as Guerras no Afeganistão e sobre os fatores que contribuíram para o surgimento das insurgências naquele país. Ainda nesta parte do trabalho, serão estudadas as ações insurgentes durante o período da guerra, verificando finalmente como as VSO foram aplicadas para lidar com o problema.

No quarto capítulo, apresentaremos uma comparação entre a teoria de Galula e a aplicação das VSO no Afeganistão entre 2010 e 2013, assumindo a hipótese de que a metodologia empregada no programa VSO é aderente ao modelo teórico de David Galula. Por meio dessa confrontação responderemos a questão proposta nesta pesquisa, e, adicionalmente, pretendemos verificar se as VSO foram eficazes contra o Talibã no Afeganistão.

Finalmente, no quinto capítulo, exporemos a conclusão, indicando possíveis linhas de pesquisa futuras, por meio da análise de outras variáveis não estudadas no presente trabalho. Apresentaremos, ainda, a importância do assunto para possíveis desenvolvimentos da doutrina de Operações Especiais na Marinha do Brasil (MB).

Passaremos agora a estudar como o modelo teórico de David Galula descreve a estratégia para o combate ao contrainsurgente.

2 A TEORIA DE DAVID GALULA SOBRE A AÇÃO CONTRAINSURGENTE

Neste capítulo, apresentaremos a teoria de David Galula sobre o movimento contrainsurgente. Galula foi um oficial francês que se dedicou aos estudos do combate à insurgência. Esta apresentação terá como foco principal o estudo da variável população, centro de gravidade das operações de VSO realizadas no Afeganistão (CONNETT e CASSIDY, 2011). A maioria dos autores trata dos aspectos relativos aos insurgentes. Galula, por sua vez, é um dos poucos que enuncia uma teoria prescritiva a ser aplicada pelo contrainsurgente. Por esse motivo, até os dias de hoje, os estudos de Galula vêm mostrando grande relevância no planejamento das ações de contrainsurgência ao redor do mundo.

Antes de iniciar propriamente os estudos da teoria de Galula, vamos abordar o significado de alguns termos e conceitos sobre Guerra Irregular.

2.1 Alguns conceitos sobre guerra irregular

Neste subitem descreveremos, de maneira sucinta, alguns dos conceitos utilizados por Galula, fazendo um paralelo com a terminologia utilizada atualmente. Para facilitar o entendimento deste trabalho serão feitas algumas convenções sobre a utilização de tais conceitos.

Para a condução de uma guerra convencional, generais costumam utilizar métodos e processos que obedecem a uma lógica cartesiana, seguindo regras preestabelecidas. Em contrapartida, líderes rebeldes, guerrilheiros e terroristas tendem a não obedecer qualquer tipo de regra. Em uma guerra irregular, a ausência de padrões rígidos possibilita que ela se adeque aos mais diversos cenários políticos, sociais e militares (VISACRO, 2009).

Ao longo da história, várias denominações e conceitos foram formulados para tratar dos diversos conflitos existentes. Insurgência, guerra assimétrica, guerrilha, revolução, golpe

de estado, guerra civil e terrorismo são apenas alguns dos exemplos afetos à guerra irregular. As definições de cada um deles revestem-se de relevância para o entendimento e análise de tais conflitos. Neste estudo abordaremos apenas os conceitos mais relevantes para o entendimento do caso em questão.

Revolução, golpe e rebelião são três maneiras de tomada do poder pela força. A revolução é um levante não previsto, um fenômeno político-social que consiste na ruptura violenta de uma ordem preestabelecida destinada à conquista do poder. Na revolução, a participação das massas é fundamental, primeiro movem-se as massas e depois os líderes. Um golpe é a ação de um grupo rebelde para a tomada do poder, que se caracteriza por sua natureza clandestina, portando não pode envolver as massas. Seus preparativos podem ser longos, mas a ação em si é bastante curta e súbita. No caso da rebelião, a luta é prolongada e desenvolve-se com lentidão, as ações são cuidadosamente planejadas e paulatinamente implementadas. Na rebelião surgem primeiro os líderes para depois insuflarem-se as massas, a maioria das rebeliões está ligada a situações revolucionárias (GALULA, 1964). Não obstante, as revoluções, golpes e rebeliões, frequentemente, manifestam-se, no campo militar, por meio da guerra irregular que é apenas uma forma de beligerância conduzida por forças e métodos não formais ou irregulares (VISACRO, 2009).

Os conceitos atinentes à guerra irregular têm interseções entre si e encontram-se em constante evolução. Para efeito de simplificação, utilizaremos neste trabalho o termo insurgência² e contrainsurgência para referimo-nos à rebelião e contrarebelião respectivamente.

Devido a sua imprevisibilidade, a guerra irregular é extremamente difícil de ser combatida. Para vencer uma guerra irregular, é preciso abster-se de conceitos pré-concebidos e adaptar-se a uma nova forma de condução da guerra. Em 1964 Galula já tratava o combate ao insurgente de uma forma diferente da convencional. Passaremos a abordar na próxima seção

² Campanha política-militar realizada por atores não estatais fazendo uso organizado de subversão ou violência para apoderar-se, tornar nulo ou ameaçar o controle político de uma região. Insurgência também pode referir-se ao grupo propriamente dito (EUA, 2014).

um breve histórico sobre como a experiência de vida de Galula favoreceu sua análise do combate à insurgência.

2.2 Histórico sobre David Galula

Provavelmente, um dos casos de maior influência intelectual nas questões militares da atualidade é a recente repercussão do estudo acadêmico elaborado por David Galula em 1964, um, até então, desconhecido oficial francês. Em 2006, após um período de 20 anos sem que a doutrina de contrainsurgência norte-americana fosse atualizada, sob uma forte influência dos estudos de David Galula, o exército estadunidense editou uma nova versão de seu Manual de Contrainsurgência (FM 3-24). Naquela época, o General David Petraeus³ afirmou que dentre a variedade de literaturas que influenciaram na confecção do referido manual, nenhuma teria sido mais importante do que o livro *Counterinsurgency Warfare* de David Galula. Quando o manual FM 3-24 foi lançado, a contrainsurgência centrada na população estava esquecida. Por esse motivo, as antigas práticas de Galula mostraram-se uma revelação.

De acordo com Marlowe (2010), Galula nasceu em uma família judia em 10 de janeiro de 1919 na Tunísia, sendo o sexto de sete filhos. Ainda jovem, mudou-se com a família para o Marrocos e lá cursou o ensino médio. Em 1924, o pai de Galula obteve cidadania francesa para ele e todos os filhos. Esse fato possibilitou que sob a influência de seu tio de origem materna, o Coronel Albert Pastier, Galula viesse a graduar-se na academia militar francesa de St. Cyr⁴ em 1939, no mesmo ano em que a França declarou guerra à Alemanha. Em junho de 1940, os alemães tomaram Paris. Após lutar contra a dominação alemã de seu país na Segunda Guerra Mundial, foi acolhido por um notável sinologista do exército francês chamado

³ Um estudioso sobre a contrainsurgência, o General David Petraeus era o Comandante Geral do Exército estadunidense quando da edição do manual de contrainsurgência daquela Força em 2006. Atuou como Comandante das Forças estadunidenses no Afeganistão em 2010 e foi diretor da Cia entre 2011 e 2012.

⁴ A Escola Militar Especial de Saint-Cyr é o local onde são formados os Oficiais do exército francês. A Escola foi fundada em 1º de maio de 1802 por Napoleão Bonaparte. Disponível em <<http://www.st-cyr.terre.defense.gouv.fr/>>. Acesso em 30 mai. 2016.

Coronel Jacques Guillermaz (1911-1998) que fora indicado para assumir a função de Adido militar na China. Lá, aprendeu a falar e escrever chinês e inglês. Em abril de 1947, durante uma viagem para o interior, foi capturado por comunistas chineses. Galula, um anticomunista, foi bem tratado por seus captores e durante o cativeiro pôde observar o *modus-operandi* dos chineses, ficando muito impressionado com seu foco, sua doutrina peculiar e a importância que os comunistas davam ao apoio da população.

De 1951 a 1956, Galula foi Adido Militar em Hong Kong onde teve oportunidade de aperfeiçoar seus estudos. Logo após deixar Hong Kong, foi voluntário para combater na Argélia, e após três meses no comando de uma Companhia, Galula já tinha subordinados morando em vilarejos daquele país com o objetivo de angariar o apoio da população, ao que se atribui o sucesso na pacificação das áreas em que atuou e que mais tarde ficaria evidenciado com a publicação de seu livro em 1964. Nas palavras de Galula:

As unidades devem ser desdobradas nos locais onde a população realmente vive e não em posições julgadas de valor militar. Uma unidade militar pode passar toda a guerra nas chamadas posições estratégicas, sem nada contribuir para a derrota rebelde. Isso não significa que pontes, centros de comunicação e outras instalações vulneráveis não devam ser protegidas, é claro, mas as forças contrarebeldes não devem ser desperdiçadas em posições tradicionalmente dominantes, pois na guerra revolucionária tais posições não dominam nada (GALULA, 1964, p. 116, tradução nossa).

Após os dois anos na Argélia, Galula foi requisitado no Ministério da Defesa francês onde testemunhou o fracasso de seu país naquele conflito. O exército francês ainda não estava preparado para a contrainsurgência, diferentemente dos EUA, que naquela época já discutia o tema com profundo interesse. Entre 1960 e 1963, Galula passou considerável tempo nos EUA dedicando-se aos estudos sobre contrainsurgência, atuando na *Rand Corporation*⁵ e como pesquisador na Universidade de Harvard. Em novembro de 1963, Galula retornou à França onde morou até 1967, quando morreu de câncer aos 48 anos. É fato que se os EUA não tivessem se envolvido em uma luta contra a insurgência em 2003, David Galula seria um

⁵ A *Rand Corporation* é uma organização de pesquisas situada nos EUA que desenvolve soluções para os desafios políticos com o objetivo de ajudar a criar comunidades mais seguras, saudáveis e prósperas ao redor do mundo. Disponível em <www.rand.org>. Acesso em 30 mai. 2016.

desconhecido nos dias de hoje. Então, a fama eventual de Galula se deve a febre de contrainsurgência da nossa época e não da época dele (MARLOWE, 2010).

A seguir, passaremos a apresentar os estudos de Galula sobre a contrainsurgência.

2.3 Leis da ação contrainsurgente

Neste subitem, apresentaremos, de maneira sucinta, as quatro leis a serem aplicadas pelo contrainsurgente, de acordo com o livro *Counterinsurgency Warfare – theory and practice*, de David Galula editado em 1964. Essas quatro leis dizem respeito a um insurgente que já tenha conseguido estabelecer um movimento organizado, ligado a uma causa, que emprega a violência para alcançar seus objetivos, ou seja, não se aplicam àquele movimento insurgente que ainda é embrionário e não violento.

A guerra convencional pressupõe a conquista do território inimigo e a destruição de suas forças pela atiragem. Mas como lutar contra um inimigo que não possui território e não está disposto a lutar por ele? Um inimigo que está em toda parte e em nenhuma parte (GALULA, 1964). A guerra convencional poderia, de alguma forma, reduzir o poder de combate do insurgente. No entanto, devido a sua fluidez e flexibilidade, ele pode mudar-se para outra região, fortificar-se e retomar suas atividades, tornando assim imprevisível a área de ação do insurgente. Percebendo que a guerra convencional não obtinha resultados satisfatórios, Galula formulou quatro leis sobre a contrainsurgência que passaremos a descrever a seguir.

Primeira lei: o apoio da população é tão necessário para o contrainsurgente quanto para o insurgente. O problema do contrainsurgente é manter uma determinada área limpa para que possa concentrar seus esforços onde seja necessário. Embora seja relativamente fácil dispersar e expulsar o insurgente de uma determinada área com a ação militar, para que se mantenha uma área limpa permanentemente é fundamental que se obtenha o apoio da

população. Da mesma forma que o apoio da população é imprescindível para que o insurgente vença a guerra, esse também passa a ser o objetivo do contrainsurgente (GALULA, 1964).

Em seu livro *Pacification in Algeria*, publicado originalmente em 1963, Galula prega que a vitória sobre o contrainsurgente não se trata somente de sobrepujar as forças insurgentes, mas sim do permanente isolamento da população das forças insurgentes.

Segunda lei: o apoio é obtido por meio de uma minoria ativa. Uma vez definido o objetivo do contrainsurgente, o problema passa a ser como obter o apoio da população. Tal apoio deve transcender a simpatia e aprovação, deve englobar também a participação ativa na luta contra a insurgência. Em qualquer situação existe uma minoria ativa a favor da causa, uma maioria neutra e uma minoria ativa que se dispõe contra a causa. Nas operações, sejam elas no campo militar, político, social, econômico ou psicológico, deve-se encontrar uma minoria favorável, organizá-la de modo a mobilizar a população contra a minoria contrária. Quanto melhor a causa e a situação, maior será a parcela da população favorável ao contrainsurgente e maiores as chances de êxito (GALULA, 1964).

Terceira lei: o apoio da população é condicional. Quando a vida de um homem está em risco é preciso mais do que propaganda para convencê-lo. Sendo assim, a minoria contrária ao insurgente necessita de segurança e de provas concretas de que o contrainsurgente possui a determinação, os meios e a capacidade de vencer. Na guerra convencional, a força é medida por meio da capacidade bélica em termos de tecnologia e números. Em uma contrainsurgência, a força se dá em termos da capacidade de se obter o apoio da população, essa força é materializada quando o contrainsurgente consegue que sua causa seja incorporada por uma organização política que emane da população (GALULA, 1964).

Quarta lei: a intensidade de esforços e a magnitude dos meios são essenciais. As operações necessárias ao sucesso da contrainsurgência são necessariamente de natureza intensiva e de longa duração. Para convencer a população de que o contrainsurgente pode vencer, é preciso uma grande concentração de esforços, recursos e material. Sendo assim, tais

esforços não podem se espalhar inadvertidamente por todo o país, pelo contrário, devem ser aplicados paulatinamente área por área (GALULA, 1964).

Das quatro leis de Galula, deriva-se uma estratégia geral para o combate a insurgência, na forma um processo paulatino de oito passos. Como primeiro passo, deve-se concentrar um contingente armado o suficiente para destruir ou expulsar o insurgente da área selecionada. Em seguida, deve-se destacar para o local, tropas corretamente dimensionadas para prevenir um retorno do insurgente. É importante que tais tropas instalem-se nos povoados ou vilas onde habita a população. Como um terceiro passo, deve-se estabelecer contato com a população, controlando seus movimentos, a fim de romper seus laços com os insurgentes. No quarto passo deve-se destruir as organizações políticas insurgentes. A seguir, novas autoridades civis devem ser instituídas por meio de eleições. No sexto passo é feita a atribuição de tarefas concretas às autoridades eleitas com o intuito de experimentá-las, substituindo-se os líderes inaptos caso necessário. Nesse passo, é fundamental a organização de unidades de autodefesa. Segue-se o agrupamento dos líderes aptos e ativos em um movimento político a nível nacional. Como oitavo e último passo, deve-se suprimir os últimos resquícios dos rebeldes, extinguindo-os de uma vez por todas. Findo esse processo de oito passos, de acordo com a necessidade e o planejamento, será preciso expandir o processo para outras áreas, não sendo necessário aguardar que se termine o último passo em uma área para começar em outra, uma vez que se tenham meios para tal (GALULA, 1964).

As quatro leis de Galula enunciam de forma explicativa seus estudos, listando expositivamente as situações e mostrando como identificar os conceitos expostos em situações reais. Derivados de suas quatro leis, Galula enuncia uma estratégia geral de oito passos, que de forma mais dividida, explica didaticamente como vencer uma insurgência. Tal estratégia traduz suas leis para um formato prescritivo dando ao contrainsurgente uma solução na forma de um processo paulatino a ser empregado em uma área selecionada.

As leis sobre a contrainsurgência de David Galula nos permitem perceber, também, que o combate à insurgência foge aos padrões da guerra convencional. O combate direto e a atrição clássica perdem importância, dando lugar a uma abordagem indireta que busca o apoio da população. Para alcançar esse objetivo é preciso que os comandantes influenciem seus subordinados para que tenham uma nova postura, o que pressupõe um grande desafio, visto que será preciso dotá-los de capacidades não militares que os habilite a atuar em um ambiente complexo e em constante mutação.

2.4 Conclusões parciais

Neste capítulo nos propusemos a estudar o aspecto do contrainsurgente no modelo teórico de David Galula, de modo a entender sua influência para doutrina de contrainsurgência nos dias atuais, o que possibilitará, mais adiante, o estabelecimento de uma relação do modelo com o emprego prático das VSO no Afeganistão.

Em uma primeira análise, pudemos perceber que as leis e a estratégia geral da ação contrainsurgente desenvolvidos por Galula continuam de interesse até os dias de hoje, e que seus estudos em 1964 influenciaram sobremaneira a recente doutrina de contrainsurgência estadunidense. Pudemos perceber também a importância da variável população, objeto deste trabalho de pesquisa e objetivo principal de qualquer campanha contrainsurgente.

Para atuar na contrainsurgência, Galula enuncia quatro leis e uma estratégia geral derivada, composta de oito passos. Tais leis visam nortear a ação das tropas engajadas neste tipo de combate. No entanto, para que as tropas estejam aptas a atuar neste complexo ambiente, será necessária uma nova postura, com a incorporação de novas capacidades não militares, que os habilitará a atuar diretamente no objetivo principal da campanha contrainsurgente.

Estudaremos a seguir os conflitos no Afeganistão e seus antecedentes, com o intuito de contextualizar o emprego das VSO contra os insurgentes Talibãs naquele país.

3 O COMBATE ÀS INSURGÊNCIAS NO AFGANISTÃO

Devido a sua localização estratégica, o Afeganistão é um país marcado por guerras, revoluções e invasões. Neste capítulo, abordaremos sucintamente, uma retrospectiva sobre seu complexo histórico de guerras e o surgimento das insurgências, observando como o comportamento da população tornou-se uma variável importante para a derrota dos diversos invasores que se aventuraram naquele país. Por fim, abordaremos o programa VSO, que busca solucionar o problema das insurgências utilizando uma abordagem um pouco diferente da usual.

3.1 Histórico das Guerras no Afeganistão

O Afeganistão é um país asiático que faz fronteira com Paquistão, Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e China. Já em 330 antes de Cristo, Alexandre o Grande (356 a.C. - 323 a.C.) tentou sem sucesso conquistar a região. Naquela época, o exército de Alexandre era tecnicamente superior, todavia, para alcançar seus objetivos, realizava assassinatos em massa, saques a pequenas cidades e escravizava seus habitantes. Apesar da superioridade e da violência de suas ações, em 323 antes de Cristo, após a sua morte, o exército de Alexandre foi derrotado por um inimigo tribal, considerado inferior e que lutava nas montanhas (JONES, 2009).

Durante a história da humanidade, persas, gregos, hunos, mongóis, árabes e turcos, marcharam sobre o território que hoje é o Afeganistão, isso se deve a sua estratégica localização, exatamente na rota de conquista entre o Oriente Médio e a Ásia Central (VISACRO, 2009).

O moderno Estado Afegão foi fundado na metade do século XVIII por Ahmed Shah Durrani (1722 - 1772) que unificou terras que compreendiam parte do Paquistão, o

Nordeste do Irã e o Oeste da Índia. Durante os séculos XIX e XX, soviéticos e britânicos disputaram sua influência na região travando de guerras brutais. Porém, em 8 de agosto de 1919, após a terceira guerra Anglo-Afegã⁶, britânicos e afegãos assinam o tratado de Rawalpindi que reconhece formalmente a independência do Afeganistão (JONES, 2009).

A região, agora unificada e independente, era formada por diversas etnias, muitas delas com rivalidades históricas, o que torna a demarcação de sua fronteira uma divisão artificial. Talvez o único fator que gere a unidade do país seja a religião, pois a maioria absoluta de sua população é muçulmana (VISACRO, 2009).

A independência do Afeganistão foi sem dúvida uma vitória, no entanto, a diversidade étnica, aliada à cobiça de atores externos tornam o país um terreno fértil para o aparecimento de conflitos e disputas de toda a ordem.

Após várias décadas de um governo relativamente forte e de alguma estabilidade, a partir de 1970, o Afeganistão passa a fornecer sinais de um colapso gradual. Por todo o país surgiram revoltas anticomunistas. Fruto dessa instabilidade e devido a um golpe de estado no qual seu presidente foi assassinado, em 1979 a República Democrática do Afeganistão foi invadida pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), sob um pretexto de preservar o instável governo comunista de Kabul. Entretanto, a invasão era parte do processo ideológico de expansão da influência soviética no continente asiático (VISACRO, 2009).

No fim de 1979, tropas de elite soviéticas embarcadas em aeronaves dirigiram-se para o aeroporto de Kabul e para a Base Militar de Bagram, divisões de infantaria adentraram o território afegão e avançaram para a capital Kabul. Em 27 de dezembro, já havia 50.000 soldados soviéticos, dentre infantaria e forças especiais, posicionadas no entorno da capital. As tropas invasoras destruíram a estação telefônica, assumiram o controle da estação de rádio, do Ministério do Interior, dos correios, de depósitos de munição e de alguns prédios do governo

⁶ As três Guerras Anglo-Afegãs marcaram a disputa pelo poder na Ásia central, entre o Reino Unido e a União Soviética. As guerras ocorreram entre 1839-1842, 1878-1880 e de maio a agosto de 1979. Disponível em <<https://global.britannica.com/topic/Anglo-Afghan-Wars>>. Acesso em 18 jul. 2016.

(JONES, 2009).

Os soviéticos encontraram uma feroz resistência por parte da população afegã que foi patrocinada por diversos países, tais como EUA, Arábia Saudita e Paquistão, que viam a expansão soviética como uma ameaça. A ajuda consistia em enviar dinheiro e material bélico a fim de ajudar a Resistência *Mujahidin*⁷ a expulsar os soviéticos (VISACRO, 2009).

Além da ajuda financeira e material, outros países também contribuíam com voluntários para a guerra, pois a *jihad*⁸ afegã era uma grande fonte de inspiração que unificava os radicais islâmicos em prol de uma só causa. Os muçulmanos interpretavam a ação soviética como uma invasão do território do islã por pecadores, o que tornava possível decretar uma *jihad* defensiva, que de acordo com a sharia⁹, obrigava todos os muçulmanos a lutar. Nessa empreitada, mais de 2.300 combatentes estrangeiros uniram-se aos *mujahidin* provenientes de países árabes como Arábia Saudita, Egito, Iraque, Líbia, Síria, Argélia, Sudão e Tunísia (JONES, 2009).

No contexto da Guerra Fria (1947-1989), era uma boa opção para os EUA apoiarem a Resistência *Mujahidin* de modo a enfraquecer os soviéticos. Estes, por sua vez, subestimaram a questão religiosa, que tornava ainda mais difícil de resolver um problema envolto em um complicado contexto, resultante da uma união instável entre tribos historicamente rivais em prol de uma causa comum.

Antes da invasão, por aproximadamente três décadas, os soviéticos apoiaram os governos afegãos com ajudas econômicas e militares que juntas somavam 2,6 bilhões de dólares. No entanto, segundo estimativas da CIA¹⁰, para custear suas ações no Afeganistão, os soviéticos gastaram, entre 1980 e 1986, sete bilhões de dólares ao ano (JONES, 2009).

⁷ Resistência *Mujahidin* – Guerreiros santos. Grupo extremista islâmico que recebeu treinamento militar e financiamento externo, logrando êxito em vencer os russos na guerra do Afeganistão (VISACRO, 2009).

⁸ A *Jihad* é um termo árabe que significa luta, esforço ou empenho dos muçulmanos em prol de Deus e da fé. Atualmente o termo é interpretado como guerra santa muçulmana ou luta armada contra os inimigos do Islã. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 02 jul. 2016.

⁹ Conjunto de leis sagradas imposta pelo islã que cobre todos os aspectos da vida dos muçulmanos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 02 jul. 2016.

¹⁰ Central Intelligence Agency – Agência Central de Inteligência do governo dos EUA, responsável por prover informações de inteligência aos políticos norte-americanos em prol da segurança nacional.

Incapazes de romper a barreira cultural que os separava do povo afegão, amargando sucessivas derrotas contra os *mujahidin* e defrontando-se com os crescentes custos da guerra, tanto em vidas humanas como monetários, a então URSS adota uma postura ainda mais agressiva. Tal postura envolvia, dentre outros, usos desproporcionais da força, bombardeios que destruíam vilarejos e tudo mais que pudesse apoiar os *mujahidin*. Essas ações ignoravam completamente o pressuposto básico da contrainsurgência, que é o apoio da população (VISACRO, 2009).

A essa altura, os números da guerra já mostravam que era muito mais custoso combater a insurgência afegã do que prevenir o seu aparecimento. Aliado a isso, a estratégia convencional soviética mostrava-se inadequada para o cenário encontrado no Afeganistão. Os bombardeios e a violência das ações os distanciavam mais ainda do objetivo de um contrainsurgente, que deve ser o apoio da população.

Nesse cenário de guerra, mais precisamente em agosto de 1988, fruto de uma reunião na casa de Osama Bin Laden em Peshawar no Paquistão, surge o grupo que mais tarde se tornaria a Al-Qaeda, uma facção islâmica que, de acordo com os manuscritos produzidos naquela reunião, desejava manter viva a palavra de Deus (Alá) e fazer sua religião vitoriosa por meio de uma *jihad* armada. Os líderes da Al-Qaeda separavam seus membros em dois componentes: aqueles identificados como de duração limitada, que eram designados para lutar ao lado dos *mujahidin* afegãos e aqueles identificados como de maior duração, que eram enviados para campos de treinamento, muitos deles localizados no Afeganistão. Nesses campos, os voluntários que mais se destacavam eram escolhidos para fazer parte da Al-Qaeda (JONES, 2009).

A organização se preparava para uma longa e multifacetada cruzada com três objetivos principais: depor regimes corruptos no mundo muçulmano; estabelecer a sharia no referido mundo; e infligir significativas baixas aos infiéis expulsando-os das terras do islã, principalmente do Iraque, Afeganistão e Palestina. Devido a este último motivo, os destinos do

Talibã e da Al-Qaeda estariam intimamente ligados. Sendo assim, em agosto de 1988, os EUA foram alvo da organização, que atacou suas embaixadas no Quênia e na Tanzânia com o possível envolvimento de Osama Bin Laden. Como retaliação, os EUA lançaram mísseis contra campos de treinamento da Al-Qaeda no Afeganistão. Na época, relatos da CIA apontaram que a atitude estadunidense pode ter contribuído para fortalecer ainda mais a relação entre a Al-Qaeda e do Talibã (JONES, 2009).

Em fevereiro de 1989, os soviéticos desistem do Afeganistão e saem derrotados, amargando um saldo aproximado de 14.000 baixas e 35.000 feridos, deixando para trás um país em guerra civil, devastado e com uma estimativa de mais de um milhão de afegãos mortos e mais de cinco milhões de emigrantes (CASSIDY, 2006).

A derrota soviética no Afeganistão foi mais um capítulo de uma história repleta de tentativas frustradas de conquista daquele território. Exércitos atacantes das mais diversas origens, muitos deles indubitavelmente superiores, como foi o caso dos soviéticos, foram derrotados por um inimigo irregular, disperso, de enorme complexidade étnico-cultural e com uma tradição de lutas vitoriosas em seu território.

Como saldo final, em vez de estabilizar a situação no Afeganistão e expandir sua influência, os soviéticos deixaram como herança um problema ainda mais complexo e perigoso. O país encontrava-se novamente à mercê de sua própria sorte, com o declínio do patrocínio internacional e imersão no caos advindo de uma longa guerra. Aquele povo, que outrora defendeu seu território contra invasores, estava buscando estabilidade e se organizando em grupos insurgentes com sólidas raízes ideológicas inspiradas na *jihãd* islâmica. A luta vitoriosa contra os soviéticos fortaleceu ainda mais a sua confiança. Decorrente deste novo cenário, estava por surgir um inimigo ainda mais coeso e ameaçador. Na próxima seção, passaremos a estudar o surgimento da insurgência naquele país.

3.2 O surgimento da insurgência no Afeganistão

Após a retirada soviética, o Afeganistão estava desintegrado em uma colcha de retalhos, diversos grupos lutavam pelo poder, alguns apoiados pelos norte-americanos e outros apoiados pelos soviéticos. Rivalidades étnicas e interesses políticos conflitantes dividiram os antissoviéticos *mujahidin* em facções rivais que logo viriam a lutar entre si, luta que o fraco governo afegão não seria capaz de controlar. Ao contrário, principalmente nas áreas rurais, mesmo com apoio dos soviéticos, o governo afegão vinha paulatinamente perdendo o controle da situação e o apoio da população. A instabilidade e a guerra eram um solo fértil para o treinamento e esconderijo de grupos insurgentes (JONES, 2009).

Uma campanha insurgente pode valer-se de diversas táticas e diferentes formas de protestos, desde pequenas passeatas até a violência convencional em grande escala. No caso do Talibã, já no início de suas atividades, os atos violentos eram uma realidade. Em 1990, seu líder Mullah Muhammad Omar (1960-2013)¹¹ convenceu um bando de estudantes islâmicos a iniciar a conquista de territórios a partir de sua base no Sul do Afeganistão. Em abril, eles capturaram Kandahar e suas cercanias e preparavam o cerco a Kabul. Omar simbolizava o Islã em seu estado puro, e utilizava a religião para recrutar mais adeptos, tanto no Afeganistão como no Paquistão. Após a guerra, a fronteira do Afeganistão com o Paquistão tornou-se porosa, facilitando o fluxo de refugiados afegãos que eram recrutados para as madraças paquistanesas, que eram escolas religiosas que ensinavam a fé islâmica. O fluxo contrário também era comum, com paquistaneses sendo recrutados pelos afegãos (JONES, 2009).

Em 1992, uma coalizão de grupos *mujahidin* liderados por Burhanuddin Rabbani destituiu o presidente Muhammad Najibullah. Logo após esse acontecimento, Kabul e Kandahar foram palco de lutas entre facções rivais e de bombardeios que destruíram muitas das

¹¹ Omar intitulava-se o *Commander of the Faithful*, isto é, o Comandante dos fiéis ao Deus Allah. Omar apoiava-se na *jihad* que justificava a guerra para cumprir a obrigação de proteger os muçulmanos de contra ataques vindos de outros países (JONES, 2009).

infraestruturas governamentais. Enquanto isso, nas áreas rurais, a disputa entre traficantes, criminosos e chefes locais tornaram o campo um cenário de anarquia e caos (JONES, 2009).

A fraca atuação do governo e o material humano propício, encontrado nos jovens estudantes de religião, era a combinação necessária para moldar seu pensamento. O falta de perspectiva, decorrente do período pós-guerra, e a inspiração advinda dos conceitos da vitoriosa *jihad* afegã criaram o cenário adequado para o crescimento do regime Talibã.

No fim de 1994, as forças Talibãs avançavam rapidamente pelo Sul e pelo Leste do Afeganistão e, em 1995, já tinham o controle de nove das trinta províncias daquele país. Finalmente, em 1996 capturaram Kabul, em 1998 Kunduz, Taloqan e Mazar-e-Sharif, e por conseguinte assumindo o controle do país. A estratégia do Talibã era diferente da soviética, concentrando os esforços nas áreas rurais e buscando aproximar-se dos líderes tribais e milicianos. Essa estratégia foi denominada de *bottom-up*, “de baixo para cima” visto que era direcionada aos líderes locais, em vez de focar nas lideranças do governo (JONES, 2009).

Os líderes do Talibã professavam a volta do Islã puro que buscava a clareza moral e religiosa, autoproclamavam-se uma nova fonte de honestidade e união do país. Muitos afegãos, particularmente os *Pashtuns*¹² que viam sua hegemonia ameaçada pela guerra civil, enxergavam o Talibã como uma opção necessária de paz e estabilidade. Porém, ao mesmo tempo em que propagavam a paz, os membros da organização assassinavam os chefes militares locais formalmente responsáveis pela destruição, caos e instabilidade em que o país encontrava-se mergulhado. O brilhantismo da estratégia Talibã estava em manter o controle nos centros urbanos e fazer alianças com líderes locais nas áreas rurais, removendo aqueles que eram contrários à causa e indicando novas lideranças favoráveis (JONES, 2009).

Durante o regime Talibã, o Islã foi interpretado de uma maneira extremista, mulheres eram proibidas de frequentar escolas e trabalhar, e só podiam sair às ruas usando burca e com o corpo todo coberto. Os homens também foram forçados a deixar as barbas

¹² O Afeganistão tem quatro grupos étnicos principais: *Pashtun*, *Uzbek*, *Tajik* e *Hazarae*, além de outros de menor porte. Os *Pashtuns* fundaram uma dinastia que governou o Afeganistão de 1929 a 1978 (JONES, 2009).

crescerem e evitar cortes de cabelo e roupas ocidentais. O regime também banuiu muitas formas de entretenimento como cinemas, música, televisão, cartas e a maior parte dos esportes. O roubo era punido com a amputação da mão, o assassinato com a execução pública e as adúlteras com o apedrejamento. Em Kabul, as punições eram impostas sob o testemunho de multidões que lotavam o antigo estádio de futebol da cidade. A lei sharia era o preço imposto pela paz e estabilidade social (JONES, 2009).

A despeito do rigor religioso, o cultivo da papoula destinada à produção de ópio cresceu durante o regime Talibã. Em 1997, aproximadamente 96% da papoula do país era advinda de áreas controladas pela organização. Seus líderes consideravam o cultivo de ópio admissível, pois seu consumo era feito pelos infiéis do oeste ou por não afegãos. No entanto, em 1998, alguns países, incluindo os EUA, iniciaram um movimento contra a produção de ópio no Afeganistão. Rendendo-se à pressão internacional, finalmente em 2000, Omar banuiu o cultivo da papoula de suas terras. Com a proibição, o cultivo diminuiu temporariamente, mas o tráfico continuou a ser realizado com os estoques existentes a um preço significativamente maior. Na prática, durante o regime Talibã, o Afeganistão tornou-se o maior produtor ilícito de papoula do mundo, correspondendo a 70% da produção mundial (JONES, 2009).

A essa altura, o Talibã havia conquistado uma relativa paz e uma situação relativamente estável, ainda que a um custo alto para a população. O papel que deveria ser protagonizado pelo Estado foi realizado pelo regime, que atingia seus objetivos obtendo financiamento do tráfico de drogas, cerceando direitos e violando direitos humanos.

Em 2001, o regime tinha o controle de todo o país, com exceção de uma pequena localidade chamada de Vale Panjshir para onde Ahmad Shah Massoud, comandante das forças da Aliança do Norte¹³, que era a principal fonte de oposição armada ao novo regime, recuaram. Ahmad Massoud foi assassinado por um membro da Al-Qaeda em 09 de setembro de 2001. E, apenas dois dias depois, outro acontecimento abriria um novo capítulo e uma nova frente na

¹³ Oficialmente denominada Frente Unida para a salvação do Afeganistão (Front for the Salvation of Afghanistan). A Aliança do Norte era uma junção de grupos étnicos que lutava contra o Talibã no Afeganistão (JONES, 2009).

complexa história da insurgência no Afeganistão (JONES, 2009).

Em 11 de setembro de 2001, membros da Al-Qaeda sequestram quatro aviões comerciais, dos quais dois atingem as Torres Gêmeas do *World Trade Center* em Nova Iorque, um no Pentágono em Washington e um quarto avião cai em um campo em *Shanksville* na Pensilvânia. Ainda em setembro, o Presidente dos EUA à época, George W. Bush, fez um ultimato declarando “Guerra Global contra o Terror”. Se os EUA soubessem como capturar Bin Laden antes dos atentados já o teriam feito. Os vínculos de Bin Laden com o regime Talibã já eram conhecidos. Era preciso dar uma resposta militar rápida ao problema (VISACRO, 2010).

Sendo assim, em 07 de outubro, com a ajuda do Reino Unido, os EUA iniciam sua campanha de bombardeios ao Talibã e posterior invasão denominada Operação Liberdade Duradoura, que seria a mais significativa e cara campanha contraterrorista dos EUA. A campanha visava expulsar a Al-Qaeda do Afeganistão e capturar Bin Laden, que já era procurado desde os anos 90, devido aos atentados de 1988. Por meio da campanha, os EUA e seus aliados, incluindo a Aliança do Norte, foram capazes de derrotar rapidamente um exército de mais de 50.000 combatentes do Talibã e milhares de combatentes da Al-Qaeda. Com a derrota, o Talibã foi expulso do poder e os aliados construíram bases militares perto de grandes cidades em todo país (JONES, 2009).

Após fugir e se reorganizar no Paquistão e nas montanhas do Afeganistão, sob o comando de Omar, os insurgentes Talibãs orquestram em 2002 uma série de operações ofensivas em províncias como Kandahar e Khowst. Estes ataques marcaram o início da campanha insurgente contra o governo de Hamid Karzai. Utilizando-se de pequenas bases móveis na fronteira para treinar os novos recrutas, estava em curso a *Jihad* prometida por Omar anos antes (JONES, 2009).

Apesar de terem obtido uma rápida vitória tática sobre o Talibã, as forças da coalizão lideradas pelos EUA não atingiram o seu propósito. Os ataques de 2002 mostraram que em vez de derrotar completamente o Talibã e a Al-Qaeda, a campanha apenas fez com que

os remanescentes dos dois movimentos, valendo-se da porosidade da fronteira, fossem transferidos para santuários no Paquistão ou para as montanhas do próprio Afeganistão.

Sob a alegada suspeita de ameaça à paz mundial, advinda do programa de desenvolvimento de armas de destruição em massa, em março de 2003, os EUA juntamente com o Reino Unido e Austrália puseram em prática a invasão do Iraque, conhecida nos EUA como *Operação Iraqui Freedom*. A invasão ocorreu sem que tenha sido executado nenhum ato de agressão prévio e sem nenhuma evidência concreta sobre o suposto programa de desenvolvimento de armas de destruição em massa (STIWEL, 2007).

Os estadunidenses encontraram no Iraque uma tropa mais capaz do que aquelas que combateram durante a libertação do Kuwait entre 1990 e 1991. Entretanto, os norte-americanos também apresentaram uma performance superior nos combates logrando êxito na campanha regular. A vitória na *Operação Iraqui Freedom* se converteu em terrorismo e guerrilha urbana com alto grau de violência associado (VISACRO, 2010).

Subestimando o problema no Afeganistão, os norte-americanos invadiram o Iraque. Independentemente das razões que os levaram a essa decisão, tal iniciativa gerou consequências não desejadas ou mesmo esperadas. Estava iniciada uma nova campanha contrainsurgente, e os EUA passaram a defrontar-se com o mesmo problema em duas frentes com peculiaridades diferentes.

Em 2006, uma insurgência completamente desenvolvida estava estabelecida no Afeganistão. O número de ataques realizados por insurgentes cresceu 400% comparando-se 2002 com 2006, e o número de mortes geradas por tais ataques cresceu 800% no mesmo período. Muitos dos ataques tinham como alvo autoridades do governo, e alguns outros eram contra civis e forças da coalizão. A deterioração da situação no Afeganistão chegou a um ponto em que as forças de segurança afegãs não tinham mais como garantir a segurança dos moradores das pequenas vilas nas áreas rurais. Os insurgentes talibãs sabiam exatamente quem colaborava com as forças da coalizão (JONES, 2009).

Em 2007, o Conselho Nacional de Inteligência estadunidense publica um documento que conclui que a Al-Qaeda é a mais séria ameaça aos EUA, e que essa organização possui um Santuário¹⁴ nas áreas tribais administradas pelo governo no Paquistão. Em 2008, a situação piora. O presidente Karzai escapa de um atentado e o ressurgimento da guerra era evidente. Em novembro do mesmo ano, terroristas conduzem um ataque coordenado a vários locais em Mumbai, na Índia, e o presidente Karzai tenta organizar uma luta regional contra o terrorismo. Com o intuito de aumentar a segurança naquele país, em 2009 o presidente Barack Obama anuncia um incremento de 50% no efetivo de suas forças militares no Afeganistão, enviando 17.000 soldados entre Fuzileiros Navais e tropas do Exército (JONES, 2009).

Em 2010, há um incremento ainda maior da força militar estadunidense no Afeganistão. No mesmo ano, Forças Especiais da OTAN iniciam uma série de ataques para capturar ou eliminar líderes Talibãs. Em março de 2011, as operações mataram ou capturaram 900 soldados e comandantes de baixo nível do Talibã. Em 01 de maio de 2011, os EUA anunciam a morte do líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, em uma operação conduzida pela CIA e pelos Navy SEALs¹⁵ no Paquistão. Finalmente, em junho de 2011, o presidente Obama anuncia a intenção de retirar suas tropas do Afeganistão até 2014 (MANN, 2015).

Dessa forma, podemos notar que após a derrota e a consequente expulsão dos soviéticos de seu território, foram criadas as condições ideais para que a Resistência *Mujahidin* se convertesse em uma importante insurgência no Afeganistão. Desde a ascensão do regime Talibã até 2010, a guerra de atrição foi a solução adotada pelos EUA para resolver o problema. Apesar das vitórias momentâneas ao derrotar localmente alguns bolsões de insurgência, esses grupos reorganizavam-se e fortaleciam-se em santuários, voltando a atuar com maior força.

¹⁴ Santuários, ou do inglês *safe havens*, são áreas relativamente seguras, geralmente fora do país em questão, exploradas por extremistas violentos para planejar, doutrinar, inspirar, projetar e controlar suas operações sem intervenção externa. (MANN, 2015).

¹⁵ SEAL é uma sigla que significa Mar, ar e terra (Sea, Air and Land). Os Navy SEALs são uma tropa de Operações Especiais da Marinha dos EUA destinada à guerra não convencional que inclui ações diretas, reconhecimento especial e contraterrorismo. Disponível em: <<https://www.navy.com/careers/special-operations/seals.html#ft-key-responsibilities>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

Ainda que suas ações militares e a instalação de bases tenham proporcionado ganhos em termos de segurança, os EUA não lograram êxito em derrotar definitivamente o Talibã, a Al-Qaeda e outros grupos insurgentes. Um equívoco crucial foi admitir que isso tivesse acontecido e iniciar uma nova guerra em território Iraquiano, que dividiu suas atenções contribuindo para que não fosse dada a merecida atenção aos problemas do Afeganistão.

Somente depois de aproximadamente 10 longos anos de combates no Afeganistão, vislumbrou-se a adoção de uma nova abordagem para a contrainsurgência naquele país. Dentro desse contexto surgiria a metodologia das *Village Stability Operations*, ou VSO, que passa a abordar o combate às insurgências sob uma nova ótica. Na próxima seção passaremos a estudar essa nova metodologia com mais detalhes, o que nos dará condições de compará-la com o modelo teórico de David Galula o qual foi apresentado no capítulo anterior.

3.3 O emprego da metodologia das VSO contra o Talibã no Afeganistão

Desde 2001, a estratégia para o combate à insurgência Talibã no Afeganistão vem evoluindo e se modificando. Porém, o ano de 2010 foi marcante no que tange à mudança formal de postura por parte dos EUA. Nesse ano uma nova estratégia contrainsurgente foi implantada, aplicando uma metodologia denominada *Village Stability Operations* (VSO).

Nesta seção abordaremos o detalhamento das VSO e apresentaremos os resultados obtidos no combate à insurgência no Afeganistão.

A despeito de quase 10 anos de combate ao Talibã, as forças da coalizão não lograram êxito em solucionar o problema. As ações insurgentes continuavam, com a aplicação frequente de técnicas de guerrilha e ataques terroristas, empregando emboscadas e dispositivos explosivos improvisados (*Improvised Explosives Devices* - IEDs). Os insurgentes escondiam-se em áreas remotas do Afeganistão ou no Paquistão, continuavam a infringir baixas significativas

nas forças da coalizão, além de continuar recebendo apoio de atores estatais como o Paquistão (MILLS, 2013).

Da mesma forma que os atores estatais externos, a população afegã, devido à histórica incapacidade do governo para efetivamente governar o país, por medo ou coação, acabava inclinando-se para o lado dos insurgentes.

Após anos no Afeganistão, os membros da coalizão perceberam que a população que habitava as remotas áreas do país era extremamente vulnerável ao Talibã, e continuaria a prover refúgio e fornecer novos recrutas para o regime se nada fosse feito. Embora, desde 2005, já houvesse algum movimento policial no sentido de proteger as pequenas vilas contra as ações e a influência do Talibã, o embrião das VSO foi plantado apenas em 2009, quando a contrainsurgência executada pelas Forças de Operações Especiais dos EUA (USSOF¹⁶) mudou o seu foco para as áreas rurais (MILLS, 2013).

Antes mesmo de seu anúncio e de uma denominação formal, uma estratégia destinada a melhorar a segurança, o desenvolvimento e a governabilidade foi testada em províncias ao Sul e ao Leste do Afeganistão, onde destacamentos de Operações Especiais do Exército (Boinas Verdes) treinaram e equiparam os habitantes locais para defender suas próprias vilas. Apesar de não haver uma doutrina específica tratando do assunto, aquela metodologia empregada embrionariamente, nas localidades remotas, era embasada na doutrina de contrainsurgência das Forças Militares norte-americanas (MILLS, 2013).

Dessa forma, o conceito de autodefesa de vila atraiu a atenção do recém-criado Componente Combinado de Forças Especiais Comando-Afeganistão (CFSOCC-A), que era comandado pelo Brigadeiro General Edward Reeder e localizado na capital Kabul. O CFSOCC-A foi criado para estabelecer uma estrutura a nível estratégico, e hierarquicamente acima da Força Tarefa Combinada de Operações Especiais do Afeganistão (CJSOTF-A). O

¹⁶ United States Special Operations Forces – Forças componentes do Comando de Operações Especiais dos EUA (USSOCOM), especialmente organizadas, treinadas e equipadas para conduzir e apoiar operações especiais. Disponível em: < http://www.dtic.mil/doctrine/dod_dictionary/>. Acesso em 07 Ago. 2016.

General Edward Reeder compôs três contingentes diferentes no Afeganistão, sendo um no comando da CJSOTF-A entre 2006 e 2007. Naquelas ocasiões, pôde verificar que a despeito dos sucessos pontuais das Ações Diretas¹⁷ realizadas contra a insurgência afegã, os esforços para conter a sua expansão estavam sendo infrutíferos. Após alguns projetos piloto foi percebido que, além da segurança, os destacamentos de Operações Especiais envolvidos nas VSO deveriam preocupar-se com o desenvolvimento e com a governabilidade das vilas para as quais eram designados. Essa mudança foi fundamental para o sucesso da metodologia, e coincidiu com a chegada do Brigadeiro General Austin Scott Miller, que como novo comandante do CFSOCC-A, conseguiu mostrar a eficácia e a importância do programa ao General Stanley McChrystal, comandante da Força Internacional de Assistência em Segurança (ISAF¹⁸) (MOYAR, 2014).

Para desenvolver os princípios que guiaram a criação das VSO, tanto o General Reeder como o General Miller contaram com ajuda de especialistas civis, como o Doutor Seth Jones e o Doutor Arturo Munoz, ambos da *Rand Corporation*. Contaram ainda com outros militares tais como o Tenente-Coronel Scott Mann e o Coronel Donald Bolduc. Por um longo período de tempo, esses pensadores analisaram a história das vilas e das forças de segurança do Afeganistão, realizaram um estudo antropológico das áreas rurais e entrevistaram seus líderes. Todos eles concordaram que era possível realizar a segurança local com os próprios habitantes das vilas, conclusão que vinha sendo ratificada pela habilidade do Talibã em organizar uma insurgência de sucesso, baseada em líderes paquistaneses infiltrados, que recrutavam seus integrantes nas pequenas vilas afegãs (MOYAR, 2014).

Em meados de 2010, o programa já havia sido implementado com resultados positivos em 20 localidades diferentes. No entanto, apesar do viés positivo inicial, passou a

¹⁷ Ações caracterizadas pelo emprego da violência como meio preponderante para a consecução de objetivos, nos diferentes níveis de condução da guerra, realizadas por forças regulares (convencionais ou não convencionais). As ações diretas são normalmente definidas pela execução das seguintes ações táticas: destruir, interditar, neutralizar, eliminar, capturar, resgatar, retomar ou ocupar (Brasil, 2015).

¹⁸ *International Security Assistance Force* – Missão liderada pela OTAN para atuar no Afeganistão instituída em 2001 pela resolução 1386 da ONU. Os principais países participantes foram os EUA e o Reino Unido (JONES, 2009).

enfrentar dificuldades. O embaixador norte-americano Karl Eikenberry e o presidente Karzai concordavam que a expansão do programa poderia minar, mais ainda, a atuação do governo nas áreas rurais e favorecer o aparecimento de novas milícias locais. Porém, com a chegada do General David Petraeus, em julho de 2010, para assumir o comando das ISAF no Afeganistão, as negociações para a implementação das VSO ganharam um novo rumo. Durante seus dez primeiros dias no comando, o General Petraeus encontrou-se com o presidente Karzai quase todos os dias. Em tais encontros, Petraeus enfatizava a importância do programa, e, utilizando os exemplos de sucesso provenientes do Iraque convenceu Karzai (MOYAR, 2014).

A criação formal do programa aconteceu em 14 de julho de 2010, porém sob a condição de estar sob o controle da Polícia Nacional Afegã e do Ministério do Interior. Sua duração prevista era de 2 a 5 anos e, para o governo do Afeganistão, foi intitulado Polícia Local Afegã (*Afghan Local Police - ALP*). No decorrer de sua implantação, além do emprego das Forças de Operações Especiais do Exército dos EUA, foram também inseridos Navy SEALs, Elementos de Operações Especiais provenientes do Corpo de Fuzileiros Navais (MARSOC), além de Forças de Operações Especiais (FOpEsp) de outros países (MOYAR, 2014).

As VSO são uma abordagem “de baixo para cima”, que objetiva criar uma conexão entre as remotas vilas do Afeganistão com os governos dos 34 Distritos (FIG. 1) daquele país. Embora o programa seja a nível vila, ele tem um impacto estratégico, pois influencia o sucesso da condução da contrainsurgência como um todo. A melhoria nas condições de segurança das vilas é o ponto focal inicial na implementação da metodologia. No entanto, com o passar do tempo, o desenvolvimento nas áreas de educação, economia, infraestrutura, agricultura, indústria, dentre outras, reveste-se de igual ou maior importância para seu sucesso no longo prazo. A aproximação inicial com os líderes tribais locais, e o desenvolvimento de pequenos projetos, os quais levam ajuda humanitária e alívio para emergências imediatas, é feita por destacamentos de Operações Especiais, que por meio de ações no nível tático adquirem a confiança dos líderes e garantem o acesso às vilas, principalmente aquelas que são relutantes

ou indiferentes à participação na ALP e na cooperação com o Governo da República Islâmica do Afeganistão (MOYAR, 2014).

Apesar da peculiar preparação das FOpEsp para missões isoladas, este era um território novo para muitas das tropas envolvidas nas VSO. A nova missão envolvia um trabalho conjunto e duradouro com a população rural do Afeganistão, e não as comumente empregadas ações diretas, ou seja, ações letais em locais remotos de duração relativamente curta (MANN, 2015).

Para efeito de comparação, no caso do Brasil, dentre as FOpEsp brasileiras, a única tropa que possui uma preparação formal para uma ação aos moldes das VSO, seriam as Forças Especiais do Exército Brasileiro. Tal como muitas das FOpEsp empregadas no programa, os Comandos Anfíbios e os Mergulhadores de Combate da Marinha do Brasil, possuem uma vocação natural para ações desta natureza, no entanto, necessitariam de uma preparação específica para esse tipo de emprego.

O foco do programa VSO são as vilas. Pela primeira vez, após anos de prolongados combates, o sentido do esforço seria “de baixo para cima”. O programa usa a moldura da contrainsurgência para um processo ainda maior, que busca além da segurança das vilas, o desenvolvimento duradouro das áreas tribais. O ponto principal é o apoio da população, no entanto, podia-se esperar que sua implantação fosse difícil, tendo em vista um passado histórico de guerras, de ausência do Estado e da conseqüente influência do Talibã naquelas áreas. Conquistar a confiança daqueles habitantes tribais seria uma difícil e crucial tarefa a ser desempenhada pelas FOpEsp na implantação do programa.

A partir da definição das necessidades e da solução dos problemas emergenciais, o desenvolvimento se expande, e inclui o envolvimento e o apoio de outras organizações governamentais e não governamentais nacionais e internacionais (MILLS, 2013).

Um ponto importante a ser notado, é que as VSO estão estruturadas em uma abordagem baseada nas condições encontradas em cada vila, isto é, a metodologia deve se

adaptar às condições variáveis, e talvez únicas, demandando flexibilidade das FOpEsp. As operações são conduzidas a partir das *Villages Stability Plataforms* (VSP), que são bases de operação, no interior ou adjacentes às vilas, variáveis em tamanho e com recursos logísticos para suprir e apoiar as VSO. A composição exata de uma VSP vai depender da missão, e pode conter um pacote completo de elementos de apoio, tanto civis como militares, ou ser apenas a base operacional de um destacamento de Operações Especiais (MILLS, 2013).

O General Miller, estabeleceu uma sequência de ações para o trabalho dos destacamentos de Operações Especiais designados para VSO e ALP. Após obterem o necessário entendimento sobre a área em que vão operar, os destacamentos desenvolvem suas ações faseadas da seguinte forma: Moldar (*Shape*), Manter (*Hold*), Construir (*Build*) e Expansão/Transição (*Expand and Transition*) (MOYAR, 2014).

A fase Moldar (*Shape*), apesar de ser a primeira, pode ser também a mais sensível do processo. É necessário criar condições de segurança que possibilitem o avanço para a governabilidade e desenvolvimento. Durante essa fase, as FOpEsp envolvidas devem avaliar as ameaças, compreender o elemento humano, entender a história local e estudar outras questões relacionadas à vila ou área em questão. O propósito dessa fase é obter a permissão dos líderes locais e, conseqüentemente, receber o chamado para que o destacamento se incorpore à rotina da vila. O estabelecimento de uma relação de confiança com os moradores das vilas, especialmente com seus líderes, é fundamental para que seja feito este chamado (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Para ser feito melhor uso dos limitados recursos humanos das FOpEsp, a vila candidata à VSO deve oferecer consistente valor estratégico ou operacional para o governo do Afeganistão e para as ISAF. As VSO são especificamente orientadas para as áreas controladas pelos insurgentes ou áreas em conflito, onde não existe a presença de elementos das Forças de Nacionais de Segurança do Afeganistão (ANSF). Além disso, embora as FOpEsp sejam as mais indicadas para atuação nas VSO, devido à sua organização e treinamento para operar em

áreas remotas, os comandantes devem ponderar sobre as condições de sustentabilidade operacional e logística de longo prazo, ajudando dessa forma, a decidir se determinada vila é apropriada ou não sua implantação (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Algumas avaliações devem ser realizadas antes de se qualificar uma área como apta ou não para o estabelecimento de uma VSO. Tais considerações dizem respeito à vontade dos líderes tribais em lutar contra a insurgência; à importância do local escolhido para o governo afegão; ao interesse da insurgência no terreno escolhido; e à possibilidade de apoio logístico e operacional às operações da VSP. Feitas tais avaliações, o sucesso da primeira fase das VSO depende ainda de várias condições. Existem situações, em que os destacamentos de Operações Especiais identificam áreas de interesse sob a influência do insurgente. Nestes casos, é necessário realizar ações diretas para retomar o controle das vilas como parte integrante do esforço de moldar. As FOpEsp, normalmente, realizam tais ações em cooperação com as ANSF e com forças da coalizão, de modo a estabelecer um ambiente seguro para o avanço do programa (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Ao tomar a decisão de participar ativamente da vida de uma aldeia, é preciso que os destacamentos de Operações Especiais tenham a correta noção de que, uma vez iniciados os esforços de Moldar, eles possuem o comprometimento moral com a proteção da vila e de seus habitantes. Essa obrigação deve transparecer de tal forma, que os moradores da vila não possuam dúvidas de que tal comprometimento é verdadeiro. Essa relação de confiança gerará um sentimento de pertencimento, contribuindo para a sinergia entre os elementos dos destacamentos de OpEsp e os habitantes, resultando em um esforço conjunto na autodefesa da vila, que, certamente, será necessário no futuro. A vontade dos habitantes em resolver seus problemas deve ser reforçada, pois ela representa o início do esforço afegão em sobrepujar seus desafios em um nível local, e, em um sentido “de baixo para cima”. O consentimento dos líderes das vilas para que as FOpEsp, ou outros elementos das Forças de Coalizão, incorporem-se à sua rotina, é um claro sinal aos insurgentes de que a vila tomou a decisão de lutar, e que

seus líderes confiam no comprometimento das FOpEsp, das Forças de Coalizão e do governo do Afeganistão em resolver o problema (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Manter (*Hold*). A finalidade desta fase é a manutenção da segurança, que pode ser a diferença entre a falha e o sucesso da operação. Nesse momento, a meta é aperfeiçoar os ganhos em segurança já obtidos, e, instruir os habitantes da vila a efetuar a proteção de sua própria gente. É de fundamental importância, que os destacamentos de Operações Especiais, a essa altura já incorporados às vilas, as tenham como sua própria morada e estejam engajados na sua proteção diuturnamente, pois é provável que os insurgentes desejem reassumir seu controle. Uma segurança eficiente é traduzida pela falta de influência dos insurgentes sobre a população das vilas. E, uma vez consolidada essa condição, serão lapidados o desenvolvimento e a governabilidade, fatores essenciais na busca da estabilidade (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Para o governo afegão, o foco principal era o programa ALP, que corria em paralelo com as VSO conduzidas pelas ISAF. A ALP tinha a meta de estabelecer condições de segurança e estabilidade nas áreas rurais do país, e, conseqüentemente em sua totalidade. Enquanto as VSO apoiavam os governos locais, a ALP respondia diretamente ao respectivo chefe de polícia distrital. Os membros da ALP eram selecionados pela *shura*¹⁹ local e cadastrados biometricamente. No processo de aprovação, eram recomendados os candidatos que tinham reais interesses em proteger as vilas onde viviam. Após essa aprovação, os novos membros da ALP eram submetidos a um período de instruções básicas, teóricas e práticas, de três semanas. As instruções eram ministradas pelos destacamentos de OpEsp e abrangiam: constituição afegã; direito; regras morais e éticas; técnicas básicas de emprego de armamentos; e tratamento básico de feridos. A implantação do programa ALP representa a mobilização das comunidades, no intuito de realizar a separação entre os insurgentes e os habitantes das vilas. Uma vez que apoia, patrocina e fornece equipamentos para o programa, o governo afegão mostra claramente que está interessado no bem-estar da população, implementando dessa

¹⁹ Conselhos islâmicos regionais ou tribais que tomam decisões de acordo com a sharia. O Talibã e a Al-Qaeda também possuíam suas próprias *shuras* (JONES, 2009).

forma a governabilidade. Até que o treinamento da ALP esteja terminado, e, na falta de forças pertencentes ao governo do Afeganistão, a responsabilidade pela proteção ou frustração de futuras ações insurgentes contra as vilas permanece com as VSO (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Construir (*Build*). O desafio desta fase, que normalmente se mistura com a fase anterior, é construir os alicerces de uma estabilidade que seja mantida por um longo período. Várias tropas dos EUA, especializadas em assuntos civis, foram indicadas para as VSO de modo a apoiar o esforço “de baixo para cima”, reforçando as capacidades locais de governança e fortalecendo a coordenação no nível distrital (MOYAR, 2014).

O esforço de construir inclui diversas iniciativas, como: atividades remuneradas de interesse para a população local; projetos de assistência médica; seminários sobre veterinária e agricultura; contratos de grande porte para o desenvolvimento local; bem como a participação de outros parceiros provenientes de organizações não governamentais internacionais. A comunidade internacional e o governo afegão podem valer-se dessas iniciativas, de governança e desenvolvimento, para melhorar suas percepções sobre as reais necessidades da população. Tal percepção ajudará na construção das infraestruturas necessárias, e prestação de serviços que atendam as carências dos habitantes, principalmente nas vilas rurais mais distantes. Na perspectiva das aldeias, o programa VSO pode prover uma alternativa viável para aqueles que se juntavam à insurgência, fazendo-os enxergar que, nas vilas, a vida pode ser melhor e mais segura do que junto aos insurgentes (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Expansão/Transição (*Expand and Transition*). O começo dessa fase está ligado ao estabelecimento de uma conexão entre a vila e o respectivo distrito, no que diz respeito às atividades de desenvolvimento e governabilidade. As VSO produzem efeitos táticos com implicações estratégicas, apoiando dessa forma a contrainsurgência das ISAF. A partir do momento em que tais efeitos alcancem as vilas vizinhas, o processo se tornará cumulativo e atingirá o distrito como um todo, de tal forma que os esforços “de baixo para cima” unir-se-ão

aos esforços do governo, atingindo assim um ponto de equilíbrio, em que a estabilidade será alcançada. O histórico vitorioso de lutas do povo afegão demonstra que é correto o raciocínio de que as VSO podem causar efeitos positivos e duradouros no Afeganistão (CONNETT e CASSIDY, 2011).

Quando a comunidade local não só rejeita, mas também concorda em lutar e manter os insurgentes longe das vilas, o trabalho realizado pelas VSP relacionado a este aspecto torna-se apenas de apoio material e assessoramento. As FOPEsp por sua vez, podem engajar em Operações de Apoio à Informação²⁰ (MISO – *Military Information Support Operations*). Nessas operações, é realizada a divulgação de produtos específicos, contrários à propaganda insurgente; a favor das VSO ou mesmo a favor de toda a campanha contrainsurgente. São divulgadas também, por meio de rádios locais, ofertas de emprego; mensagens de conteúdo religioso; e opções de lazer. Esse esforço de informações visa potencializar a influência das VSO nas áreas rurais e, conseqüentemente, na totalidade do país (CONNETT e CASSIDY, 2011).

A concepção do programa consiste em um avanço paulatino, dividido em quatro fases, iniciando com a escolha das vilas, passando pela sua estabilização e desenvolvimento até atingir a expansão para outras vilas e distritos. Para possibilitar sua implantação, é necessário um estudo detalhado do passado e da situação atual, ou seja, um trabalho de pesquisa prévio acerca do longo passado de guerras do Afeganistão, aliado a um trabalho de inteligência para entender o ambiente e suas variáveis, principalmente pelas FOPEsp designadas, tendo em vista que serão os primeiros a interagir com os habitantes locais. Quanto ao passado, tanto as falhas soviéticas, como os acertos obtidos pelos afegãos, em seus períodos de estabilidade, devem ser levados em consideração. Quanto ao presente, uma medida confiável da influência das insurgências nas vilas, bem como a avaliação das reais necessidades de seus habitantes também

²⁰ Na MB essas ações são denominadas Operações Psicológicas, que são definidas como: Procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis (Brasil, 2015).

é necessária.

Durante as fases das VSO, equipes de suporte cultural foram incorporadas às VSP. Militares do sexo feminino receberam treinamento específico para atuar durante as ações de tais equipes. Durante as ações de assistência humanitária e demais iniciativas das equipes de suporte cultural, as militares foram incumbidas de realizar as interações necessárias com as mulheres afegãs que, caso fossem realizadas por militares do sexo masculino, seriam vistas como inadequadas (CONNETT e CASSIDY, 2011).

As VSO evoluíram rápido no Afeganistão, mas em junho de 2011, o presidente Barack Obama anuncia seus planos de deixar o país em 2014, e começa a exercer pressão em seus líderes militares para iniciar o planejamento da retirada. No entanto, muitos deles viram as VSO e mais especificamente a ALP como uma oportunidade de passar a responsabilidade para o governo afegão, e retirar suas tropas das áreas rurais do país. Nesse contexto, em meados de 2012, havia uma enorme pressão para que mais e mais tropas de Polícia Local Afegã (ALP) fossem criadas (MANN, 2015).

Este fato trouxe uma séria consequência. A ALP foi idealizada para ser uma tropa de voluntários treinados e supervisionados pelas FOpEsp pertencentes à coalizão. Uma vez aumentada a velocidade de formação, devido à falta de pessoal suficiente, foi impossível para as FOpEsp manter uma adequada supervisão, e efetivo controle da formação e atuação das ALP. Sendo assim, a característica inicial da ALP foi alterada para uma milícia paga, com o intuito de cobrir a retirada das tropas da coalizão do Afeganistão (MANN, 2015).

Ao fim de 2012, a ALP já era uma política “de cima para baixo”, mais baseada em números do que realmente em resultados. Nas vilas no leste do Afeganistão, as tropas da coalizão eram recebidas a tiros toda vez em que tentavam estabelecer contato com os líderes locais. O programa, que no início forneceu bons resultados numéricos em segurança local, desvirtuou-se e criou o ambiente propício a tornar a situação nas vilas rurais novamente instável. Em janeiro de 2014, restavam menos de cinco vilas onde as VSO eram empregadas.

Esse fato foi fruto da falta de entendimento do programa por parte das autoridades, que aceleraram o processo de formação das ALP e retiraram os destacamentos de Operações Especiais das vilas. Em dezembro de 2014, após treze anos, os EUA e a OTAN oficialmente encerraram suas operações militares no Afeganistão (MANN, 2015).

Em abril de 2014, 6.802 combatentes estadunidenses haviam morrido nos combates do Iraque e do Afeganistão, o que perfaz mais que o dobro das mortes nos atentados de 11 de setembro. Enquanto os gastos da Al-Qaeda com os atentados giraram em torno de \$500.000, o governo dos EUA já gastou entre \$3,3 e \$4 trilhões de dólares em resposta aos atos terroristas de 2001. Isto significa que a proporção de gastos entre o governo estadunidense e a Al-Qaeda é de aproximadamente 7.000.000 para um (MANN, 2015). Mesmo que os dados numéricos possuam alguma imprecisão embutida, eles nos mostram que o insurgente possui uma vantagem incontestável no aspecto recursos e tempo. Fica claro que é muito mais dispendioso e prolongado combater uma insurgência do que prevenir a sua ocorrência.

Os destacamentos de FOPEsp dispersos em áreas remotas, e muitas das vezes hostis, foram o vetor adequado para conduzir a implantação das VSO. Apesar de seu pequeno efetivo, sua natural habilidade para atuar isolado e sua qualificação técnica foram os ingredientes necessários para sobrepujar, sem maiores contratemplos, os desafios impostos por este novo tipo de missão. A contribuição das FOPEsp para a organização das defesas das vilas nas áreas rurais, foi capaz de criar o ambiente necessário para o desenvolvimento da governança e posterior passagem da responsabilidade para a ALP.

No entanto, a formação da ALP ganhou um viés político que a desvirtuou. A sinergia dos esforços “de baixo para cima”, atuando concomitantemente com os esforços do governo central, poderia ter criado efeitos positivos de longo prazo e mudado o curso da história. Ainda que o processo de paz no Afeganistão não tenha encontrado um fim definitivo, as VSO foram um componente crucial na abrangente campanha contra insurgente naquele país, e contribuíram significativamente na busca da segurança e estabilidade ao povo afegão no

período em que foram empregadas.

Estudados os aspectos mais relevantes sobre a metodologia das VSO e sua aplicação prática, passaremos à conclusão do capítulo.

3.4 Conclusões parciais

Neste capítulo, realizamos a pesquisa sobre a realidade histórica do Afeganistão e os fatores que favoreceram o surgimento das insurgências naquele país, suas características peculiares e as ligações que estabeleceram entre si. São dois os principais fatores que corroboram para seu surgimento. O primeiro deles é a fraca ação do governo, incapaz de garantir o monopólio do uso da força, principalmente nas áreas rurais do país, e de garantir boas políticas de governo. O segundo é a ideologia religiosa, em que líderes do Talibã e da Al-Qaeda invocavam uma *Jihad* para recuperar as terras muçulmanas ditas ocupadas, dentro e fora do território afegão. A insurgência no Afeganistão nasceu de uma sinergia entre um governo em colapso e uma ideologia religiosa em expansão. Essa ideologia se destinava a preencher um crescente vazio existente, principalmente após a vitória contra os soviéticos, período em que foram encontradas as condições ideais para que a Resistência *Mujahidin* se convertesse em uma importante insurgência.

Prosseguimos na pesquisa estudando a aparição e o combate aos grupos insurgentes no pós-guerra. Nesse período, foi utilizada uma abordagem direta, com a utilização de tropas regulares e especiais utilizando a atrição, para a eliminação de focos insurgentes. Esse período culminou com a morte de Osama Bin Laden em seu esconderijo no Paquistão em 2011, em uma operação desencadeada pelos Navy SEAL.

Finalmente, observamos que a abordagem direta não tinha sido em guerras passadas, e não estava sendo na presente guerra, a solução correta para vencer o inimigo irregular que atuava no Afeganistão. Apresentamos, então, as VSO. Essa metodologia nasceu

de um novo pensamento sobre a contrainsurgência, inspirado em alguns sucessos de iniciativas similares no Iraque, mas, principalmente em estudos realizados por teóricos civis e militares.

Após quase dez anos de combate, chegou-se a um entendimento de que a antiga abordagem “de cima para baixo” não estava gerando os resultados esperados. Dessa forma, foram implantadas as VSO, um esforço de contrainsurgência “de baixo para cima” que estabelece bolsões de segurança e estabilidade, com a participação ativa da população, e que vão se expandindo a partir das ermas vilas rurais do Afeganistão. Com essa expansão, mais e mais locais vão se tornando inóspitos para os insurgentes, o que permite o crescimento, a solidificação do programa e sua ligação com ações do governo.

A participação dos líderes locais, para selecionar e recrutar, dentre a população local, os voluntários para a ALP, legitima os esforços para fornecer segurança nas vilas e aldeias do Afeganistão. O programa de Polícia Local Afegã, caso não tivesse sido desvirtuado pela ansiedade de aumentar o seu tamanho tão rapidamente sem a supervisão das FOpEsp, poderia ter sido de fundamental importância para as ações contrainsurgentes.

No próximo capítulo avaliaremos se as VSO empregadas no Afeganistão têm aderência às leis sobre a contrainsurgência propostas na teoria de David Galula, e de que maneira seus estudos influenciaram na idealização e implantação daquela metodologia.

4 A TEORIA DE GALULA X EMPREGO DAS VSO NO AFGANISTÃO

Tendo estudado a teoria de David Galula no aspecto do contrainsurgente e abordado uma proposta metodológica destinada ao combate à insurgência no Afeganistão, passaremos a compará-las, com o intuito de verificar se a prática teve aderência ou não à teoria apresentada no segundo capítulo. Dessa forma, pretendemos responder ao questionamento inicial desta dissertação e verificaremos a importância da variável população neste processo.

4.1 Análise dos estudos de Galula x idealização e emprego das VSO

Abordaremos, a seguir, a relação entre as quatro leis sobre a contrainsurgência de Galula e as quatro fases das VSO, analisando separadamente se cada fase seguiu o que preconizam as leis de Galula. Além das leis, analisaremos a aderência da metodologia contrainsurgente, objeto deste estudo, à estratégia geral de oito passos derivada de tais leis.

A primeira lei estudada cita a importância do apoio da população, tanto para o insurgente como para o contrainsurgente, além de abordar a necessidade de isolar do insurgente para se obter a vitória. Tal isolamento, embora possa ser conseguido com a ação violenta, é muito mais duradouro se for conquistado por meio de uma relação de confiança com a população. Durante a primeira fase das VSO, o que justamente se buscou foi a confiança dos moradores das pequenas vilas rurais do Afeganistão, de modo a se obter o seu consentimento para que os destacamentos de Operações Especiais possam se estabelecer nas vilas.

A segunda lei preconiza que o apoio da população é obtido por meio de uma minoria ativa. Uma vez que na fase anterior já foi conseguida a autorização e a confiança para viver nas vilas, é chegado o momento de fazer com que a população se envolva no combate ao insurgente. A minoria ativa citada por Galula pode ser entendida nas VSO, como os habitantes das vilas escolhidos pela *shura* local para serem treinados pelos destacamentos de Operações

Especiais que lá habitam. Essa minoria, uma vez treinada, passa a ser um vetor ativo na luta contra o insurgente e tendo um papel fundamental no impedimento de seu retorno às vilas. A fase “Manter” das VSO consiste em um importante passo para criar uma mentalidade de segurança e o alicerce das ações “de baixo para cima”. Essa minoria treinada será o embrião da ALP, que, futuramente, unindo-se aos integrantes de outras vilas formarão uma força de segurança eficiente para o combate à insurgência. É fundamental que o processo seletivo seja criterioso, e que os escolhidos tenham em mente que fazem parte de um processo importante na contrainsurgência, ou seja, a minoria ativa deve estar realmente a favor da causa contrainsurgente e entender seus motivos. O recrutamento de mercenários ou aqueles que estão interessados somente no possível retorno financeiro futuro dessa luta pode acelerar o processo, no entanto, pode vir a comprometê-lo decisivamente no futuro.

Analisando a terceira lei de Galula, percebemos que é preciso algo a mais para um convencimento duradouro daquela minoria contrária aos insurgentes. Na campanha contrainsurgente a população precisa de provas concretas de que o esforço possui os meios necessários e é capaz de vencer a guerra. Nas VSO, a fase “construir” aborda esse conceito por meio da inserção de instituições e órgãos civis, com o intuito de melhorar a vida nas vilas rurais e prover um desenvolvimento duradouro. É importante que os habitantes estejam efetivamente engajados no processo, que deve estar pautado nas suas reais necessidades e não nas percepções ou interesses daqueles que idealizam ou apoiam essa iniciativa. A segurança desenvolvida na fase anterior, aliada à melhoria da qualidade de vida nas vilas, contribuirá para um sucesso duradouro da contrainsurgência localmente. Com a situação estabilizada nas vilas em termos de segurança e desenvolvimento, é difícil para o insurgente convencer os habitantes a apoiar sua causa e conseqüentemente recrutar novos integrantes.

Finalmente, em sua quarta lei, Galula nos ensina a importância da intensidade e da magnitude dos esforços do contrainsurgente, que requerem uma grande e integrada concentração de meios, e sua ampliação deve obedecer a uma rotina planejada e ordenada, de

modo a se espalhar eficazmente por todas as regiões do país. O paralelo com as VSO é perfeitamente possível por meio da análise da quarta fase, denominada de “expansão/transição”. Pela própria nomenclatura, já percebemos a estreita ligação dessa fase com a teoria de David Galula. A essa altura, as VSO visam, por meio da união dos esforços de vilas vizinhas, um avanço paulatino dos progressos realizados a nível local até alcançar o nível distrital. Vilas próximas unem-se em um esforço coordenado, de modo a expandir suas defesas e os ganhos em desenvolvimento e infraestrutura, que nesta fase já devem ser coordenados pelo governo afegão. Uma vez alcançado o nível distrital, são criadas as condições para a transferência de responsabilidade das forças contrainsurgentes externas para o governo do Afeganistão. Uma vez feita a transferência de responsabilidade, as FOPEsp passam a atuar como elementos de assessoria nas decisões e no planejamento das futuras ações.

O enunciado explicativo das quatro leis de Galula, listando expositivamente as situações, permite-nos identificar os conceitos expostos em situações reais. A estratégia geral de oito passos delas derivada explica didaticamente como vencer uma insurgência, traduzindo-as para um formato prescritivo.

Analisando a estratégia geral de oito passos derivada das leis de Galula, percebemos que ela foi criada para combater a pior das situações, e sua aplicação prática pode sofrer algumas alterações, como por exemplo a não necessidade de expulsar ou destruir insurgentes armados em uma determinada localidade, como explicitado no enunciado do primeiro passo. Passado esse momento inicial, e uma vez designado o destacamento de Operações Especiais para uma determinada vila com a aquiescência do líder tribal da região, percebe-se que a metodologia das VSO cumpre o segundo e o terceiro passo. O quarto passo prevê a destruição das organizações políticas rebeldes locais, porém, não é enfatizado nas VSO, visto que a metodologia mantém o foco na defesa das vilas e não no ataque aos insurgentes. Da mesma forma, o quinto passo não encontra, necessariamente, um paralelo com a metodologia, visto que a eleição de líderes locais obedece a uma tradição tribal específica.

Nesse sentido, a influência da coalizão aconteceu apenas na recomendação de eleições a nível distrital. No entanto, essas recomendações nunca receberam real importância, ficando o presidente Karzai e seus assessores com a palavra final sobre tais indicações para o comando dos distritos afegãos (MOYAR, 2014).

No que tange ao sexto e sétimo passo, as VSO seguem a estes ensinamentos. Contando com o assessoramento prestado aos líderes locais na escolha dos integrantes da ALP, sua posterior expansão até nível distrital por meio da união com ALPs de vilas próximas, é desenvolvida a autodefesa de vila em um processo crescente “de baixo para cima”. Quanto ao oitavo e último passo, que prevê a conquista ou supressão dos últimos resíduos do insurgente, poderíamos prever que seria uma evolução natural das VSO, que por meio da utilização das forças da ALP consolidadas a nível nacional, realizariam esta tarefa como parte da consolidação das condições de segurança no país. No entanto, como observamos no estudo da aplicação prática, tal avanço não foi possível devido ao fim prematuro das operações no Afeganistão e a aplicação prática desvirtuada da base teórica do processo.

4.2 Conclusões parciais

Pela nossa comparação, pudemos perceber que a variável população teve uma grande importância tanto nas ideias de Galula quanto na idealização do método das VSO. Vimos que foi impossível manter a segurança das pequenas vilas do Afeganistão apenas controlando os centros urbanos e fazendo incursões para resolver os problemas de segurança nas remotas áreas rurais. Foi preciso transferir a contrainsurgencia para aquelas áreas definitivamente, e, a partir de determinado momento, iniciar um longo trabalho para criar um ambiente seguro estável. Na década de 60, Galula percebeu esse detalhe na prática e o transcreveu em seus estudos. É interessante que as forças contrainsurgentes no Afeganistão tenham levado quase dez anos de combate para perceber a necessidade de migrar para as áreas

rurais daquele país de modo ter alguma chance de obter um resultado eficaz.

Na comparação da aplicação das VSO com o modelo teórico de Galula verifica-se que, primeiramente, houve uma avaliação criteriosa para a escolha da área, fato pouco explorado em sua teoria, mas de extrema importância para o início das VSO. Designar tropas para um local onde se tem a certeza de que não serão aceitas pela população, ou para uma área que não tenha relevância para o processo, pode não gerar o resultado esperado. Pode-se depreender daí a importância das Forças de Operações Especiais, que devido à especificidade de suas capacidades, foram fundamentais no contato com os líderes locais e no estabelecimento da confiança mútua necessária para o início do processo e vital para o seu sucesso inicial.

No entanto, há uma diferença entre idealizar uma metodologia para o combate a insurgência e pô-la em prática. Apesar da não obtenção do sucesso completo na prática, não podemos afirmar que a base teórica das VSO é falha. Durante sua implementação, foram encontradas evidências que comprovam o distanciamento do que era preconizado na teoria ao que realmente foi feito na prática. Como foi o caso da falta de critério para a escolha dos componentes da ALP derivada da pressão exercida para sua expansão. Esse fato, aliado à falta da devida supervisão por parte das FOpEsp, que foram retiradas das áreas rurais, alterou sua característica para uma milícia paga, distanciando-se dessa forma do modelo teórico.

Vimos, também, que as VSO são muito mais baseadas nas leis do que na estratégia geral de oito passos de Galula. Esse fato é compreensível pela característica explicativa de suas leis, enquanto que sua estratégia geral possui um caráter prescritivo. É difícil prescrever uma solução universal para todos os problemas. Assim como em outros campos da arte militar, cada caso requer uma avaliação particular. Dessa forma, valendo-se de fases bastante aderentes às leis de Galula, as VSO foram o “remédio” encontrado para a extinção dos sintomas encontrados no caso específico da insurgência no Afeganistão, com uma clara inspiração na teoria daquele autor.

Findo o desenvolvimento, passaremos a seguir, para as conclusões da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Para ajudar a atender ao propósito desta pesquisa, os conceitos elaborados por David Galula foram selecionados como referencial teórico. Seus estudos tiveram participação importante na reformulação da doutrina de contrainsurgência dos EUA em 2006. Foi escolhida ainda, como realidade prática a ser confrontada com a teoria, a aplicação na guerra do Afeganistão da metodologia de contrainsurgência denominada *Village Stability Operations* (VSO), entre 2010 e 2013.

A questão proposta pelo estudo foi: o Programa VSO empregado no Afeganistão contra a insurgência Talibã, entre 2010 e 2013, teve aderência ao modelo teórico de David Galula considerando particularmente o apoio da população? Por meio de nossos estudos, confirmando a nossa hipótese, concluímos que sim. Percebemos ainda, que os estudos de David Galula são válidos até os dias de hoje, no contexto das campanhas contrainsurgentes. Dessa percepção, pudemos depreender a relevância do estudo para a MB e sua contribuição para a evolução da doutrina de Operações Especiais em utilização na nossa força.

Para o atingimento do propósito da pesquisa foram analisados os primeiros anos da guerra do Afeganistão e o surgimento da insurgência Talibã. Mais precisamente, centramos nossos estudos na idealização da metodologia das VSO para aquele país e na sua aplicação prática, no período compreendido entre sua adoção formal em 2010 e o ano de 2013. De modo a delimitar ainda mais a abordagem, a despeito da importância dos diversos atores envolvidos nas VSO, foram priorizadas as interações entre as Forças de Operações Especiais e a população rural do Afeganistão durante o período estudado. Para isso, a presente pesquisa foi dividida em três capítulos de desenvolvimento, abordando a teoria de David Galula para a contrainsurgência, o combate às insurgências no Afeganistão culminando com o emprego das VSO e, por fim, uma comparação entre a teoria de Galula e a realidade afegã.

No capítulo dois, estudamos o modelo teórico de David Galula, mas antes apresentamos algumas definições importantes e um breve histórico de sua vida, de modo a entender como a sua experiência pessoal possibilitou um entendimento diferenciado sobre a contrainsurgência.

No capítulo três, realizamos uma pesquisa sobre o passado de guerras e tentativas de conquista do território do Afeganistão, a respeito dos fatores que favoreceram o surgimento das insurgências naquele país e, finalmente, acerca do combate aos insurgentes culminando com a pormenorização do estudo a respeito das VSO. Percebemos, com esse estudo, que a variável população foi de incontestável importância, tanto na expulsão dos diversos invasores que se aventuraram naquele país, quanto para a implementação das VSO.

No capítulo quatro, ao confrontar a teoria com a prática, constatamos a aderência da metodologia das VSO ao modelo teórico de David Galula. O estudo foi importante para provar que passados mais de 50 anos da formulação de sua teoria, ela ainda se mostra válida para os conflitos contemporâneos.

Ao concluir a presente pesquisa, constatamos que a insurgência no Afeganistão nasceu de uma sinergia entre a fraca atuação do governo, principalmente nas áreas rurais do país, aliada ao fundamentalismo religioso dos líderes do Talibã e da Al-Qaeda, que proclamaram uma *jihad* contra seus invasores. Foi possível perceber, também, a importância do apoio da população, tanto para o insurgente como para o contrainsurgente. A sobrevivência do movimento insurgente dependia do apoio da população rural e do material humano recrutado para sua causa. Enquanto que para as forças contrainsurgentes, o consentimento dos líderes para coabitar as vilas era fundamental, a fim de torná-las inóspitas aos insurgentes, e, partir dali, desenvolver suas ações em um esforço “de baixo para cima”, empregando seus próprios habitantes para aprimorar a defesa, o desenvolvimento e a governabilidade.

Concluimos, ainda, que as leis de Galula, sob o ponto de vista do contrainsurgente, expõem os conceitos de uma forma explicativa, enquanto que a estratégia geral de oito passos

derivada das leis é enunciada de uma forma prescritiva. Galula é um dos poucos teóricos da guerra irregular, senão o único, a elaborar uma teoria de forma prescritiva. Por meio da comparação da sua teoria com a prática das VSO no Afeganistão, percebemos que a criteriosa escolha das áreas para implantação das VSO, ponto pouco explorado por Galula em seus estudos, foi muito importante para o sucesso inicial daquela metodologia. Vimos ainda que a teoria de Galula faz menção ao ataque às organizações políticas, ações não realizadas pelas VSO, que possuem o foco principal na defesa e estabilidade das vilas, e não no ataque aos insurgentes.

As diferenças expostas acima não fazem com que as VSO se afastem dos preceitos de Galula, mas pudemos perceber, ao longo do detalhamento da pesquisa, que as VSO são muito mais aderentes às leis de Galula do que a sua estratégia geral derivada, uma vez que é extremamente difícil encontrar uma forma prescritiva que se adapte a todos os tipos de insurgência. Daí advém a importância do estudo do processo de formação da insurgência no Afeganistão, posto que suas características peculiares foram fundamentais na elaboração do “remédio” apropriado para o seu combate.

Cabe ainda concluir sobre a eficácia das VSO contra a insurgência Talibã no Afeganistão. Sobre esse aspecto, não se pode tecer conclusões absolutas, uma vez que as VSO tiveram um fim prematuro, ocasionado pela retirada das tropas combatentes da coalizão do território afegão. Os seus resultados foram também afetados pela pressão política em formar rapidamente uma grande quantidade de tropas para compor a ALP, sem a supervisão das FOpEsp, transformando esse programa em uma política “de cima para baixo”. Esse fato ocasionou a transformação da ALP em uma milícia paga, desvirtuando-a de sua premissa original, que consistia em selecionar e recrutar habitantes das vilas do interior realmente comprometidos com a segurança do local onde viviam.

Não foi possível, neste trabalho, abordar o tema sob o aspecto das condições geográficas da região, no caso as regiões montanhosas do Afeganistão, bem como não nos

aprofundamos no entendimento de como o apoio externo influenciou a insurgência Talibã no Afeganistão. Sugerimos que pesquisas futuras aprofundem o estudo em questão sob a ótica dessas variáveis.

Uma das motivações para as VSO foi o sucesso de ações locais similares no Iraque, que tinham um aspecto urbano, bem diferente das ações em ambiente rural desenvolvidas no Afeganistão. O modelo de ações locais para combater insurgências, instiga alguma similaridade com o programa de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), que não abordado nesta pesquisa, mas pode vir a ser objeto de novos estudos que se atenham ao ambiente urbano.

Por fim, este trabalho sugeriu a importância das tropas de Operações Especiais no emprego em combates de natureza irregular, particularmente nos momentos iniciais da implantação das VSO, em que as FOpEsp foram o principal vetor empregado. A presente tendência de distanciamento dos preceitos da guerra convencional, migrando para combates caracterizados por ações fluidas, pelo isolamento das tropas, pelo prolongamento da guerra e pelo contato direto com a população local, pode ajudar a nortear o aprimoramento da formação e do adestramento das tropas de Operações Especiais da Marinha do Brasil. Uma vez que os Fuzileiros Navais são uma tropa expedicionária por excelência, existe a possibilidade de que o CFN seja empregado em situações similares às abordadas neste trabalho. Cabe à MB fazer uma avaliação desses possíveis empregos, de modo a avaliar a pertinência do desenvolvimento das capacitações aqui abordadas.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Defesa. *MD35-G-01 - Glossário das Forças Armadas*. Brasília-DF, 5ª ed. 2015.
- CONNETT, Ty; CASSIDY, Bob. *Village Stability Operations: More than Village Defense*. July-September Edition of Special Warfare. 2011. 4 p. Disponível em: <http://www.soc.mil/SWCS/SWmag/archive/SW2403/SW2403VillageStabilityOperations_MoreThanVillageDefense.html>. Acesso em: 17 Jun. 2016.
- EUA. Combined Arms Doctrine Directorate. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: Insurgencies and Countering Insurgencies*. Washington, D.C, 2014.
- _____. Combined Arms Doctrine Directorate. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: Counterinsurgency*. Washington, D.C, 2006.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.
- GALULA, David. *Pacification in Algeria, 1956-1958*. 2nd ed. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2006. 326 p. Disponível em: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2006/RAND_MG478-1.pdf>. Acesso em 04 Abr. 2006.
- JONES, Seth G. *In the graveyard of empires: America's war in Afghanistan*. 1ª ed. New York, 2009. 414 p.
- MANN, D. Scott. *Game Changers: Going Local to Defeat Violent Extremists*. 1ª ed. Virginia, 2015, 393 p.
- MARLOWE, Ann. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010. 61 f. Monografia (Instituto de Estudos Estratégicos) - U. S. Army War College, Carlisle, 2010.
- MILLS, Kristoffer T. *Village Stability Operations in Afghanistan: Comparing past counterinsurgencies for future applications*. 135f. Tese (Mestrado em Artes Militares) - West Point, New York, 2013.
- MOYAR, Mark. *Village Stability Operations and the Afghan Local Police*. Report 14-7, Joint Special Operations University (JSOU). Florida, 2014. 110 p. Disponível em: <http://jsou.socom.mil/JSOU%20Publications/JSOU14-7_Moyar_VSO_FINAL.pdf>. Acesso em 24 Mar. 2016.
- STIWELL, Alexander. *Special Forces in Action*. 1. Ed. London: Amber Books, 2007. 192 p.
- VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 368 p.

ANEXO - Ilustrações



FIGURA 1 – Divisão administrativa do Afeganistão

Fonte: <http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/afghanistan_admin-2009.jpg>.

Acesso em: 07 Ago. 2016.

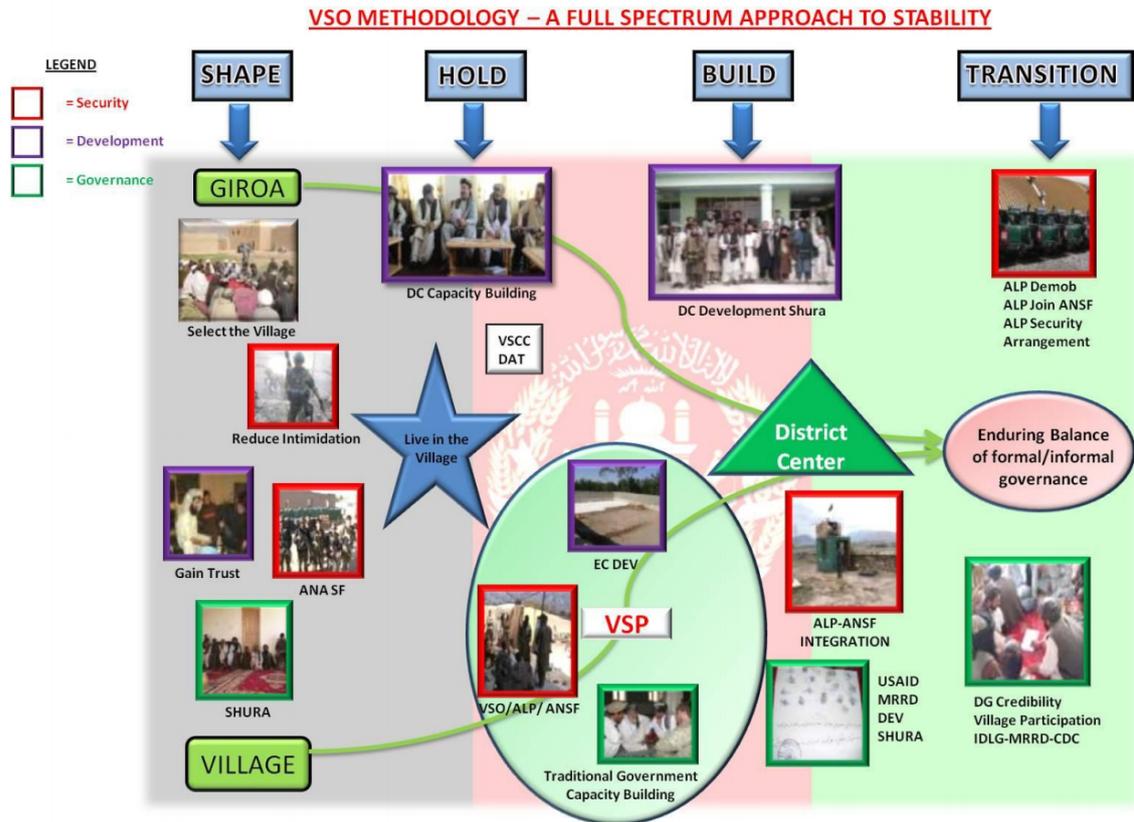


FIGURA 2 – Quadro esquemático da metodologia VSO

Fonte: < <http://stabilityinstitute.com/wp-content/uploads/The-Donovan-Review-January-2012-Edition-VSO-ALP.pdf> >. Acesso em: 04 Jul. 2016.



FIGURA 3 – Elementos das FOPEsp convivendo nas vilas.

Fonte: < <http://www.iwp.edu/events/detail/implementing-counterinsurgency-in-afghanistan-lessons-from-village-stability-operations-and-afghan-local-police-vsualp>>. Acesso em: 08 Ago. 2016.